

Valores referenciais da marca cancelar: um estudo na Teoria das Operações Enunciativas

Referential values of the cancel brand: a study in the Theory of Enunciative Operations

Layana Kelly Pereira de Holanda¹
Universidade Federal do Piauí

Marcos Luiz Cumpri²
Universidade do Estado de Mato Grosso

♦ **RESUMO:** Este artigo tem como objetivo observar o comportamento sintático-semântico da marca ‘cancelar’, em português brasileiro, pelo suporte de Culioli (1985, 1990 1990a, 1999) e de seus discípulos: Danon-Boileau (1987), Valentin (1998), Romero (2000, 2017a), Franckel; Paillard (2011). A hipótese é a de que a identidade semântica de ‘cancelar’ não se antepõe aos valores referenciais emergentes do processo enunciativo. Nossas análises se concentram em três enunciados localizados pelo buscador google. O texto está dividido em duas etapas: na primeira resumimos os principais conceitos da TOPE e na segunda apresentamos as análises. O texto ainda traz uma conclusão e as referências.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Marca cancelar. Valores referenciais.

♦ **ABSTRACT:** This article aims to observe the syntactic-semantic behavior of the mark 'cancel', in Brazilian Portuguese, supported by Culioli (1985, 1990 1990a, 1999) and his disciples: Danon-Boileau (1987), Valentin (1998), Romero (2000, 2017a), Franckel; Paillard (2011). The hypothesis is that the semantic identity of ‘cancel’ does not come before the referential values emerging from the enunciative process. Our analyzes focus on three statements located by the Google search engine. The text is divided into two stages: in the first we summarize the main concepts of TOPE and in the second we present the analyses. The text also provides a conclusion and references.

♦ **KEYWORDS:** Theory of Predicative and Enunciative Operations. Mark cancel. Reference values.

Introdução

A nossa experiência linguística nos condiciona a pensar a marca ‘cancelar’ como um operador destinado a uma mudança de estado, ou, pelo menos, da projeção de mudança de um estado resultante (de existência) a um estado anterior (de não existência).

Assim, quando se diz “quero cancelar a passagem” se pretende que se passe da ‘passagem’ para a ‘não passagem’. Interessante notar que o retorno ao estado anterior

¹Mestra em Letras, área de concentração em Linguística, pelo programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI). Docente de Redação do Colégio Objetivo de Teresina – PI. E-mail: layana_holanda@hotmail.com

²Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT/Cáceres. E-mail: marcoscumpri@yahoo.com.br

àquele em que passagem existia (uma passagem que alguém quer que exista) é sempre parcial. O cancelamento de uma passagem é sempre o cancelamento de uma passagem que já existe e essa existência traz consequências de modo que o retorno a um estado zero fica impedido. A desistência de passagem acarreta resíduos possíveis: reembolso de montante de dinheiro que fez passagem existir, voucher que representa que passagem já existiu e assim por diante.

A partir desse raciocínio, como explicaríamos o comportamento sintático-semântico de cancelar em “cancelar um assunto”, “cancelar um envio (de e-mail)”, “cancelar alguém”? Conseguiríamos vislumbrar um estado resultante em que “assunto” e “alguém” deixem de existir? Se não, qual o resíduo possível entre essas três ocorrências de “cancelar” capaz de determinar, provisoriamente, uma identidade semântica dessa marca?

Para buscarmos respostas, elegemos a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli que tanto teoriza a atividade de produção de significação deflagrada pelo agenciamento das marcas linguísticas quanto fornece arcabouço metodológico capaz de formalizar, por meio da manipulação parafrástica, o sentido que brota nas situações enunciativas corriqueiras.

A estrutura do artigo se monta por duas seções: uma, teórica, em que apresentamos o que está na episteme da TOPE, como as definições de sujeito enunciador, linguagem e enunciado; outra, analítica, em que trabalhamos a manipulação metalinguística de três enunciados que contêm o marcador ‘cancelar’. Ao final, apresentamos uma síntese e as referências.

Breve introdução à TOPE

Para a TOPE, a produção e o reconhecimento de textos são resultado de um trabalho do sujeito enunciador de modo que o sentido de uma dada unidade linguística numa sequência cristalizada difere do sentido que ela adquire quando a sequência não é assim qualificada. No cerne dessa distinção, encontra-se o modo como se apreende a natureza semântica do léxico, no sistema linguístico, e em seus diferentes usos.

A base da teoria enunciativa culioliana, em geral, é a inserção do sujeito no centro do processo linguístico e a construção da significação, sustentada pela capacidade que o indivíduo tem de representar, referenciar e regular.

Nesta perspectiva, a enunciação não é concebida como um ato, mas um processo que se recupera a partir do enunciado, que não representa somente um elemento empírico, mas o resultado do conjunto de operações provenientes da atividade de linguagem. É por meio da manipulação dos enunciados que localizamos o funcionamento de maleabilidade da língua, de modo que diversas significações particulares possam contribuir para encontrar na língua os valores referenciais, bem como perceber fenômenos, por vezes, “apagados” no enunciado. A ideia de manipulação na TOPE se dá em benefício de problematizar os enunciados e trabalhá-los em prol da construção de valores. É válido ressaltar que essa manipulação se dá de diferentes meios: parafraseamento, glosagem (atividades de desambiguação).

Na parafraseamento, por exemplo, tem-se como objetivo promover reformulações minuciosas e controladas com vistas à identificação dos processos enunciativos de construção de sentido de uma dada unidade linguística. Assim,

Se admitirmos que o sentido das palavras e dos textos não é exterior à língua, mas decorre de uma ordem própria que não é o decalque nem de um pensamento, nem de um referente, externo, constata-se que a explicação desse sentido só é possível por meio da atividade de paráfrase e reformulação. Trata-se de uma atividade metalinguística, específica da linguagem humana, que apreende o sentido apenas quando o faz circular por meio de formas diferentes, na fluidez de ajustes jamais definitivos. (FRANCKEL, 2011, p.103).

Nessa atividade metalinguística, a manipulação dos dados conduz a apreensão do sentido. A sequência desencadeia um cenário enunciativo, por meio do qual temos pistas dos sentidos que podem ser estabilizados. Assim, a estabilização de um determinado contexto em função de um determinado cenário evocado pode fazer com que determinadas propriedades semânticas de um nome **X** sejam acionadas para que as unidades linguísticas estabilizem um sentido temporariamente.

A Língua na construção de valores referenciais

Culioli (1990a) estabelece três níveis de estudo em relação à manipulação dos enunciados pelo linguista, que são regidos por três níveis concomitantemente observáveis. São eles: das representações mentais (de ordem cognitiva e afetiva), ou nível 1; das representações linguísticas, ou nível 2; e das representações metalinguísticas, ou nível 3.

A relação de construção de um enunciado envolve três momentos/operações básicas: a lexis, relação predicativa e enunciativa. Culioli entende que é necessário situar o conteúdo de pensamento hierarquizado em relação à situação de enunciação (relação enunciativa).

A lexis, segundo Culioli, “resulta da instanciação de um esquema por termos construídos por si só a partir de noções.” (CULIOLI, 1990a, p. 101). A lexis é simbolicamente representada por λ e constitui-se por três lugares vazios, sob a forma $\langle 0 \ 1 \ \pi \rangle$. O preenchimento das noções dos operadores $\langle a \ r \ b \rangle$ proporciona, por uma questão metodológica, a lexis em um tripé ($\lambda = \xi_0, \xi_1, \pi$) de lugares vazios representada por um esquema do léxico, que é uma forma organizadora e geradora das relações predicativas. Um desses lugares vazios é preenchido por uma noção de predicado (relator) e os outros dois são preenchidos por noções de argumentos do tipo nominal: argumento 1(0) e argumento 2 (1).

A ideia de noção para Culioli (1999) está em constante mudança e regulação, e surge através de realizações particulares. O sujeito enunciator/coenunciador é quem faz os ajustamentos das noções para que sejam encaminhadas para uma “estabilização”, ou seja, o sentido só será determinado e estabilizado em um meio textual definido e será convocado pela própria unidade de modo específico e organizado no intuito de “encontrar” a significação. O ponto de partida da noção é a singularidade e a exemplaridade, é, por assim dizer, a organização de propriedades que se identificam entre uma ocorrência abstrata e outra. A noção é apreendida através das ocorrências, identificáveis umas às outras, embora não idênticas, pois cada ocorrência é distinta, mesmo que cognitivamente equivalente às demais.

Sobre o mesmo ponto de vista, Franckel e Paillard (2011) reconhecem que “A noção é em si própria indizível, sendo apreendida senão através das realizações

particulares que são suas ocorrências.” (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 92), ou seja, as marcas que o enunciado deixa, remetentes às escolhas do sujeito enunciativo em uma determinada situação comunicativa, se materializam no contexto de uso da língua e está ligado ao tipo.

Culioli (1999) explica que a ramificação de propriedades que se organizam umas em relação às outras em função de fatores físicos, culturais e antropológicos é o que entendemos sobre domínio nocional. Segundo ele, trata-se de “uma representação sem materialidade, ou ainda, na qual a materialidade é inacessível ao linguista.” (CULIOLI, 1999, p. 10). Portanto, as noções não correspondem diretamente aos itens lexicais. Por outro lado, trata-se da primeira etapa de uma representação metalinguística.

Já o domínio nocional, para Culioli (1990), é resultante da fragmentação de uma noção. Não é feito por unidades semânticas, mas essa fragmentação está na esfera qualitativa estrita, perpassada pela identificação/diferenciação e também pautada no qualitativo quantificável. Domínio nocional se entende como o “domínio da validação”, pois, para se chegar às propriedades da noção, atravessamos os valores de quantidade e qualidade que elas possuem. Para Culioli (1990):

A estes domínios, poderosos na noção, é associado uma classe de ocorrências. Sobre um desses domínios vai poder se constituir um atrator, depois um gradiente. Esses domínios só são possíveis de apreender através das ocorrências que permitem sua constituição. (CULIOLI, 1990, p. 54).

Valentim (1998, p. 38) esclarece sobre esse ponto e diz que “todo domínio nocional é munido de uma classe de ocorrências abstratas que permite tornar a noção potencialmente quantificável”. Segundo Culioli (1985), em primeiro lugar, devemos apreender as noções somente através das ocorrências. A validação de uma noção se dá com base na ocorrência escolhida pelo sujeito enunciativo ou pela ocorrência oriunda da noção, quer seja pela operação de identificação, quer seja pela de diferenciação.

Portanto, é através das ocorrências que a noção se materializa. É somente através das ocorrências que a noção pode ser apreendida e estabilizada, quando localizada em uma situação de enunciação. Conforme Culioli (1985), todas as ocorrências que estão dentro desse espaço do domínio nocional vão apresentar um centro organizador, de forma que seja possível dizer que ‘é intermutável’, ou seja, ‘indiscernível qualitativamente’ ou é ‘qualitativamente diferente’, ou ainda, ‘é comparável’.

Semântica enunciativa

O aspecto principal do posicionamento adotado face ao léxico pela Teoria das Operações Enunciativas provém do estatuto conferido ao que semanticamente identifica, no nosso caso, um dado verbo, identidade esta que não se reduz a um sentido de base ou primeiro. Apresentada em termos de um potencial significante, a identidade semântica em questão postula que os sentidos não nos são dados de antemão, mas, sim, construídos por meio de articulações do material linguístico em jogo nas quais se observa um espaço de representações com o qual o sujeito interage ao enunciar.

Há, assim, para cada marcador, um princípio organizador de sua variação semântica a ser reconstituído, sendo este princípio apreendido pelo conceito de forma esquemática ao qual voltaremos adiante, e que formaliza a natureza de sua matéria

semântica. Nosso interesse, como dito, direciona-se para o mecanismo enunciativo do verbo, categoria caracterizada pelo modo como este intervém no processo de fabricação de enunciados,

Sobre a marca verbal analisada, coadunamos ao que Romero (2000) compreende:

Se a unidade lingüística comporta uma maleabilidade, uma deformabilidade inerente, é porque fora dos enunciados não existem relações estáveis ao que ela permite configurar. Por outro lado, [...] isso não significa que não existam regularidades por trás dessas relações, visto ser a própria configuração, em si, regular. As estabilizações são produtos dos enunciados, e não uma relação a priori fixada. (ROMERO, 2000, p. 68).

Se os fenômenos são estáveis, mas também flexíveis, isso implica diversidade, fato que é intrínseco à linguagem. Através da forma esquemática, podemos lidar tanto com a deformabilidade quanto com a estabilidade própria dos fenômenos lingüísticos.

Nessa atividade de elaboração, o que ocorre são encandeamentos de associações semânticas entre os “feixes” de propriedades que estão organizadas umas em relação às outras em função de fatores físicos, culturais e antropológicos.

A ideia de domínio nocional é dada por Culioli (1999) como uma tentativa para resolver a problemática por integrar relações de identidade e alteridade na representação metalingüística da noção, isto é, a noção não é somente definida pelo que ela é, mas também pelo que ela não é. A construção de um domínio nocional é uma propriedade essencial da atividade simbólica.

Partiremos para as reflexões analíticas acerca da marca estudada.

- (1) Então cancela o assunto que ela chegou.
- (2) Cancela o envio do e-mail, não precisa mais.
- (3) A internet não perdoa, cancela quem o público não gosta.

Em (1), temos a marca de valor verbal *cancelar* no seu valor aspectual de “encerrar” o que estavam falando ou fazendo. A marca aponta para o determinado fim de algo que estava em curso. Em primeira análise vemos a presença de dois parâmetros: (X) algo que estava sendo dito e (Y) o ato de cancelar em si. Cancelar no enunciado exprime a ação de interrupção de algo. O sujeito enunciativo ao dizer “cancela o assunto” constitui a noção de algo que precisa ser cessado no instante curto de tempo.

No que se refere ao verbo *cancelar*, pode-se dizer que, em um dado enunciado, seu emprego, simultaneamente, confere acesso à noção (que notamos <ser cancelado>), a um conjunto de representações evocado pelo verbo e compreendidas como propriedades (ou qualidades) de ordem cognitiva; instancia a noção, posto que a apreende por meio de uma ancoragem enunciativa não qualquer. Na ocorrência (1) a uma localização espaço-temporal. Espaço – o lugar onde se conversam sobre determinado assunto; Tempo – o instante em que se fala.

Em outras palavras, o acesso ao nível I, nível nocional, de ordem cognitiva, notado por <ser cancelado>, se dá por meio do nível II, nível lingüístico, do enunciado, que, por sua vez, jamais apreende o nível I em sua totalidade. Há necessariamente um jogo entre o nível I, em que se elabora a noção <ser cancelado>, e o nível II, que a instancia (ROMERO, 2017a).

Em (2), temos a marca verbal *cancelar* está relacionado ao ato de cessar um ação. O não envio que estava em curso ou prestes a estar. É diferente o exemplo (1) em que a ação estava certamente em curso. No caso do exemplo (2) ou o sujeito enunciador precisa parar de digitar o e-mail ou ele, se já tiver enviado, precisa retificar o conteúdo apresentando que ele não terá mais valor, como enviar outro e-mail. A noção de <ser cancelado>, nesse enunciado (2), assemelha-se às propriedades de um verbo *parar* no momento da enunciação: “Pare de enviar o e-mail, não precisa mais”. Porém, a localização do *cancelar* em relação ao e-mail, nesse contexto, é mais recorrente principalmente porque nos websites o termo usado no botão é cancelar e não parar. Em um comparativo ao enunciado (1), (X) algo que estava sendo enviado (texto) e (Y) ambiente virtual e-mail. Um dentro do outro, como uma co-dependência. As operações de localização desempenham um papel fundamental nas duas primeiras ocorrências.

Em (3), temos a ocorrência atípica ao que trouxemos em (1) e (2), o movimento em (3) da marca verbal cancelar é tem propriedades de punir, eliminar, tirar de cena, que algo ou alguém perca sua credibilidade frente aos outros. A relação de construção de um enunciado envolve três momentos/operações básicas: a lexis, relação predicativa e enunciativa. A lexis <internet, cancelar, todos> gera no enunciado duas temporalidades de tempo presente, mas com aspectualidades diferentes: a primeira noção é a de <internet não perdoar>, a segunda: < internet cancelar quem o público não gosta>, Para a noção de <ser cancelado>, nesse enunciado, o sujeito enunciador oferece um novo valor referencial, como se tivesse uma proximidade dele em relação ao predicado que ele irá validar. Alguém foi cancelado, por alguém que o cancelou. O agente não será um ser humano, mas um meio midiático, o que não tem valor referencial a exato. A internet é o elemento agentivo. O sujeito (X) internet e (Y) cancela pessoas. A internet está em localização às pessoas canceladas.

Vendo na perspectiva do domínio nocional é através das ocorrências que a noção se materializa. É somente através das ocorrências que a noção pode ser apreendida e estabilizada, quando localizada em uma situação de enunciação. Conforme Culioli (1985), todas as ocorrências que estão dentro desse espaço do domínio nocional vão apresentar um centro organizador, de forma que seja possível dizer que ‘é intermutável’, ou seja, ‘indiscernível qualitativamente’, ou é ‘qualitativamente diferente’, ou ainda, ‘é comparável’.

Para que este processo se dê de forma dinâmica, Culioli (1985) organiza o gradiente³ e entende-o como se fosse uma escala abstrata que nos permite situar-nos em uma ocorrência relativamente ao centro organizador, numa linha de ordem decrescente de identificação conforme se afastam deste (VALENTIM, 1998).

Conforme Danon-Boileau (1987) e Valentim (1998), as ocorrências no domínio nocional se dão em quatro zonas. São elas: o centro atrator (c.o para Culioli), que é ligado por ocorrências qualitativamente identificáveis que possuem todas as mesmas propriedades; o interior (I) é a construção de um aberto que contém todas as ocorrências ou propriedades validadas; a fronteira (F) compreende valores que não pertencem nem ao exterior nem ao interior, pois a medida que se afastam do centro organizador, ou seja, dos valores absolutos e centrais, as ocorrências apresentam gradualmente e, do ponto de vista qualitativo, cada vez menos propriedades ao mesmo centro atrator.

A zona que não é nem exterior nem interior (IE), mas que são acessíveis e podem ser visados. Por fim, o exterior (E) é composto por ocorrências qualitativamente

³ Culioli (1985) denominou essas zonas por meio do nome *gradiente*, porque é através do *gradiente* que medimos a ocorrência em relação ao centro organizador.

diferentes do centro organizador, é o lugar da ausência, do vazio constitutivo da noção, onde se situam as ocorrências não validadas.

O fenômeno gradiente, em termos gerais, é entendido como o valor do mais e do menos, por isso que se é possível observar a existência de um centro organizador, um atrator e um gradiente até chegar ao exterior do domínio nocional⁴. Para Costa (2006), o gradiente “traduz o grau de aproximação ou distanciamento em relação a um protótipo; tipo organizador e tipo atrator traduzem a distinção entre tecnicamente e verdadeiramente X.” (COSTA, 2006, p. 28).

Culioli (1985) argumenta que o gradiente tem a função de organizar as ocorrências em relação ao centro de um domínio nocional, aproximando ou distanciando. Os pontos são virtuais e não podem ser imprimidos de modo a determinar o momento exato em que ocorre uma transformação. Existe um ponto que funciona como atrator, em um ou outro sentido, porém escapa a uma localização precisa. Em suma, o gradiente é compreendido por Culioli como uma escala, uma representação de graus que, em um domínio nocional, faz orientações para o centro, ou orientações que se afastam desse centro.

Trazendo a ocorrência (3) dentro desta noção, fragmentaremos a ocorrência, deixando apenas os elementos básicos da lexis (internet, cancelar, público), assim temos a seguinte manipulação nocional:

- a) *A internet cancela muito quem o público não gosta – (centro atrator)*
- b) *A internet cancela um pouco quem o público não gosta – (IE)*
- c) *A internet cancela bem pouco quem o público não gosta – (fronteira)*
- d) *A internet cancela de forma alguma quem o público não gosta – (exterior)*

Percebemos então que, se falarmos, por exemplo, da noção <ser cancelado>, teremos no centro organizador a propriedade de ser “muito cancelado” e no interior do domínio “tudo aquilo que se pode chamar de cancelado”. Se caminhamos do exterior do domínio em direção ao centro, teremos um gradiente como “pouco cancelado”. Se caminhamos do centro em direção ao exterior do domínio, poderemos encontrar um gradiente como “de forma alguma cancelado”. A marca muito condiciona a noção de /ser ruim/ em graus de intensidade. Assim como o pouco mensura o grau nocional de <ser cancelado>.

Por isso que o conceito de domínio nocional não pode ser desvinculado da noção e, vice e versa, sobretudo porque um domínio nocional é preenchido por um conjunto de propriedades em que a noção em questão se remete a objetos que tenham determinadas propriedades em comum.

À guisa de algumas reflexões

A partir da observação das representações conferidas à marca verbal *cancelar* notamos que modos de construção de sentido são diferentes e que remetem ao

⁴ O domínio nocional é o domínio das ocorrências de uma noção, isto é, consiste em uma classe de ocorrências estruturadas a partir de um centro organizador, que é, por sua vez, o acordo mínimo que pode existir entre os interlocutores. Pensemos em uma ocorrência X, que estabelece uma relação com o centro organizador, de modo que ou X remete ao centro ou dele se diferencia. O atrator é uma ocorrência reguladora, que corresponde a um polo de referência do domínio nocional. É uma ocorrência imaginária, inacessível, que reuni todas as propriedades da noção em um alto grau. Ressalta-se que a noção é um conjunto (feixe) de propriedades físico- culturais, isto é, um sistema complexo de representação das propriedades cognitivas (CULIOLI, 1990).



funcionamento enunciativo próprio a cada um. Não se cabe a intensão desta pesquisa de traçar exaustivamente o máximo de construção de sentido, mas apresentar como determinadas ocorrências podem vir a funcionar envolvendo a construção da significação.

Essas produções de sentido, como foi observado, não acontecem de qualquer forma, não surgem de maneira imprevista, mas são orientadas por dinâmicas enunciativas específicas que definem seu funcionamento e determinam suas possibilidades de significar. O estudo não objetivou trazer a forma esquemática dessa marca verbal a priori, mas concebemos as seguintes apreensões: <ser cancelado> tem a noção/valor referencial de <parar algo>, como localização referencial /assunto/; <deixar de executar>, como localização referencial /envio de e-mail/; e <punir, eliminar, tirar de cena, perder credibilidade>, e como localização referencial /público/.

REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Formalisation et Opérations de repérage. Tome 2. Paris: Ophrys, 1990a.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Domaine Notionnel. Tome 3. Paris: Ophrys, 1999.

CULIOLI, A. **Notes du Seminaire de D.E.A.** Université de Paris7, 1985.

COSTA, M. E. de A. **A Noção de Antoine Culioli**. 126 f. (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 2006.

DANON-BOILEAU, L. **Enonciation et Reference**. Paris: Ophrys, 1987.

FRANCKEL, J. J. PAILLARD. D. **Aspectos da teoria de Antoine Culioli**. In: ROMERO, Márcia; BIASOTTO-HOLMO, Milenne; et al. (org. e trad.). *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

VALENTIM, H. T. **Predicação de existência e operações enunciativas**. Lisboa: Colibri, 1998.

ROMERO, M. C. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada**. 2000. 333f. Tese de Doutorado em Letras - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ROMERO, M. C. **Variation et conservation linguistiques en portugais: identité sémantique des unités verbales et invariance langagière**. *Signifiances (Signifying)*, v. 1, n. 3, p. 183-198, 2017a.

Recebido em: julho de 2023.

Aprovado em: outubro de 2023.

Como citar este trabalho:

HOLANDA, L. K. P. de; CUMPRI, M. L. Valores referenciais da marca cancelar: um estudo na Teoria das Operações Enunciativas. **Traços de Linguagem**, v. 8, n. 1, 67-74, 2024.